

PROPOSTA PARA ELABORAÇÃO DE UM COMPREENSIVO DICIONÁRIO DE VERBOS ÁRABE-PORTUGUÊS

Elias Mendes GOMES¹

RESUMO: O presente artigo apresenta os aspectos técnicos do “Dicionário de verbos árabe-português”, um trabalho que se propõe a ser uma ferramenta paradidática no apoio a aprendizagem da língua árabe entre os lusófonos. Após uma concisa introdução à língua árabe, segue-se uma breve discussão sobre a terminologia utilizada no título. Posteriormente, analisa-se o proposto dicionário seguindo os critérios sugeridos por Duran & Xatara (2007) no artigo *Crítérios para Categorização de Dicionários Bilíngües*.

Palavras-chave: Língua árabe; Lexicografia; Dicionário bilíngue.

ABSTRACT: This article presents the technical aspects of the “Dicionário de verbos árabe-português” (Dictionary of verbs Arabic-Portuguese), a research which envisions to be a tool to lend support to the learning of the Arabic language among the Portuguese speaking people. Following a concise introduction to the Arabic language, a brief discussion introduces the terminology used on the title. Afterwards, the intended dictionary is analyzed according to the criteria suggested by Duran & Xatara (2007) in the article *Crítérios para Categorização de Dicionários Bilíngües* (Criteria for the categorization of bilingual dictionaries).

Keywords: Arabic; Lexicography; Bilingual dictionary.

1. Preliminares: A língua árabe em foco

A linguagem – o principal veículo através do qual os seres humanos se comunicam – sempre encantou e mistificou a humanidade. Devido a isso, teorias, hipóteses e especulações sobre a sua origem e desenvolvimento se remontam à milhares de anos. A primeira tentativa de sistematizá-la deve-se aos filósofos gregos que especularam sobre sua origem e o relacionamento entre os diferentes objetos e seus nomes. Depois disso eles começaram a discutir as regras que governam a linguagem, isto é, a gramática. E, finalmente, no século III A.C., eles começaram a codificar as palavras de acordo com as diferentes partes do discurso e a cunhar denominações para as diferentes formas de verbos e substantivos. A lexicografia, entretanto, nunca foi uma área de especial interesse para os gregos (Longyear, 2000).

Os romanos, entretanto, com a expansão do império, reconheceram a importância dessa ciência e, ainda no primeiro século D.C., compilaram e circularam a obra *De Verborum Significatu* (O significado das palavras), que é referência em termos de antiguidade e gramática latina. Por séculos a língua latina prevaleceu no mundo ocidental, mesmo depois

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Língua, literatura e cultura árabe, DLO. USP. Bolsista CAPES. Orientando da Prfa. Dra. Safa Alferd Abou Chahla Jubran.

da queda do império, sustentada pela liturgia cristã. Somente durante a Renascença foi que as línguas modernas derivadas do latim tiveram seus primeiros dicionários: primeiramente o italiano com o *Vocabulario degli Accademici della Crusca* (1612), depois o francês com o *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694), e finalmente o espanhol com o *Diccionario de la lengua española*, publicado entre 1726 e 1736 pela Real Academia Espanhola. (Biderman, 1984).

A lexicografia árabe antecede em muito a essas obras. Historicamente, a rica língua árabe – com a poesia altamente desenvolvida na época da *Ja:hili:ya* (a era pertencente ao período pré-islâmico) – sempre teve seu indiscutível lugar na Península Arábica, mas foi somente com o advento e expansão do Islamismo que ela ganhou a projeção que a levou para além de suas fronteiras linguísticas históricas.

Com a expansão geográfica fez-se necessário uma sistematização do idioma. Esposito (1999) e Versteegh (1997) relatam que os povos árabes, ainda no século VIII AD, tendo em vista o papel que a língua árabe desempenhava na recém criada liturgia islâmica, e ao domínio político/religioso da nação árabe, incumbiram o escritor e filólogo Khalil Ibn-Ahmad (ca.718-791), procedente da província onde se encontra o moderno Sultanato de Oman, com a tarefa de compilar o inteiro vocabulário árabe em uma única obra. Sua obra é conhecida como o *Kitab al-^cayn* (o livro da fonte/nascente), porque o objetivo do autor era inventariar e esclarecer aquelas palavras cujas origens eram a fonte do vocabulário árabe. Em seguida, Ibn-Ahmad fundou a primeira escola de filologia do mundo árabe, onde seus discípulos analisaram a língua e fixaram a gramática. Com o passar do tempo, outras escolas foram originadas (frequentemente antagonistas entre si), mas seus alvos eram sempre o de preservar a língua do Alcorão (o sagrado livro islâmico).

A tarefa dessas escolas tem sido perpetuada pelas modernas academias de língua e mostram quão importante é a língua árabe para seus falantes. Nydell (2002, p. 115) atesta que “enquanto a maioria dos ocidentais sentem afeto por suas línguas maternas, o orgulho e amor que os árabes nutrem por sua língua é muito mais intenso. A língua árabe é o seu maior tesouro cultural.”

Durante a Idade Média, quando a Europa jazia em sua “idade das trevas”, o mundo árabe estava pavimentando o caminho para a sua “idade de ouro”. Na qualidade de herdeiros e detentores da civilização greco-romana, eles verteram as obras clássicas do saber grego para a língua árabe, tornando-se depositários de um dos maiores centros interculturais de transferência intelectual na história do mundo, gerando, dessa maneira, um fascínio sobre o

imaginário ocidental, que foi imortalizado pelos relatos quiméricos de Marco Polo. (Braswell, 1996).

Como no passado, a língua árabe continua a despertar o interesse do mundo ocidental. Outrora devido a conquista político-religiosa, atualmente em virtude de seu rico legado cultural e, mais recentemente, em consequência de sua associação com o terrorismo. Duian (2001) e Mahmoud (2004) asseguram que o interesse pela apreensão do árabe tem crescido paulatinamente desde o atentado ao *World Trade Center* (e o que ele simbolizava) em setembro/2001. Várias pessoas percebem a aprendizagem da língua e cultura árabe como um nicho do mercado de trabalho que tem sido pouco explorado. Essas pessoas, potencialmente, estarão trabalhando como tradutores e consultores culturais. O entendimento da língua e cultura provê as ferramentas que minimizarão o ruído na comunicação que limita a interação entre o ocidente e os possíveis parceiros das ricas nações árabes (e vice-versa).

O fator “religião” continua mantendo um papel preponderante na aquisição linguística do árabe, já que o conhecimento da língua árabe é imprescindível para a boa apreensão do significado do Alcorão e para a performance dos rituais litúrgicos do islamismo. Entretanto, pouco foi feito para facilitar a sua aprendizagem, especialmente entre os lusófonos. Aqueles atributos que, *a priori*, atraem as pessoas para a sua aprendizagem, isto é, sua característica mística e ritualista, e a sua rica herança linguística, cultural e religiosa de muitos séculos, tendem a lhes repelirem com o passar do tempo. A grafia peculiar do idioma, sua natureza diglósica, a riqueza vernacular e a falta de materiais paradidáticos inibem e desmotivam o aprendiz.

Das dificuldades acima apresentadas, esta pesquisa está particularmente preocupada com a falta de apoio didático para a aprendizagem e o aprofundamento no conhecimento linguístico que, via de regra, se adquire com a leitura no idioma almejado; por isso esta pesquisa propõe a elaboração de um dicionário de verbos bilíngue árabe-português.

2. Estudo da nomenclatura apresentada no título da pesquisa

2.1 Língua árabe

O problema se avoluma quando se é indagado a que “língua árabe” está-se referindo. A amplitude do idioma e os seus âmbitos de usagem levaram a uma estratificação do idioma resultando em uma diglossia². Vários antigos conceitos estadísticos, filosóficos, poéticos e

² William Marçais, em 1930, definiu a situação de diglossia nas comunidades árabes, mas foi Ferguson (1964), que posteriormente definiu esse fenômeno. Ferguson atribui às duas variedades as denominações H (H[igh]),

religiosos foram preservados e fazem parte de um universo arcaico, mas ainda utilizado, principalmente na arena religiosa islâmica. Essa variedade é conhecida como o *árabe clássico* (a linguagem perpetuada pelo Alcorão) e nunca é utilizada nas conversações do dia-a-dia, não sendo a língua materna de nenhuma das nações árabes. Entretanto, ela é aprendida formalmente e usada por estudiosos religiosos nos debates de assuntos concernentes à fé. Essa variedade é símbolo de prestígio, erudição e conhecimento teológico (Hudson, 1980).

Esse código “H” também engloba a variedade *árabe padrão moderno* que é uma forma modernizada do árabe clássico e é menos complexa do que a variedade clássica no que se refere à sintaxe, morfologia e semântica. Ela é entendida, se não falada, pela maioria dos árabes. O *árabe padrão moderno* é usado em situações de locuções formais, tais como palestras, noticiários e discursos e, na forma escrita, em correspondências oficiais, literatura e jornais. Essa variedade é aprendida por meio do sistema educacional formal, e serve como a “língua franca” entre todos os países árabes. O *árabe padrão moderno* é de caráter conservativo e tende a criar e agregar neologismos ao seu banco de vocabulário partindo de combinações já existentes no árabe clássico, embora vários lexemas tenham sido emprestados de outros idiomas.

A outra parte nessa diglossia é o *árabe dialetal*, ou o código “L”. Esta vertente varia de país a país e de região para região e é usada em todas as situações não formais do dia-a-dia, não obedecendo, necessariamente, às regras gramaticais do *clássico* ou do *padrão moderno*, embora siga uma convenção própria e reconhecida. Essencialmente, esses dialetos são utilizados somente na versão oral, mas, algumas vezes, são reduzidos à escrita, particularmente na poesia, em caricaturas de periódicos e em certos diálogos incluídos em romances contemporâneos.

Devido ao escopo do árabe padrão moderno e por ser esta a vertente mais usada no ensino de árabe para estrangeiros, dar-se-á preferência, neste trabalho, a essa variante. Como mencionado acima, essa variedade é a encontrada em todos os materiais escritos que vão desde jornais e revistas até romances e livros didáticos. Essa forma é também empregada oralmente em todos os meios de comunicação. A morfologia e sintaxe do árabe padrão moderno são essencialmente as mesmas em todos os países árabes, do Marrocos ao Iraque. As poucas diferenças lexicais são restritas a apenas algumas áreas especializadas, ajudando a manter, como no passado, a unidade lingüística do mundo árabe. Este fato dá a todos os

como sendo a variedade elevada, identificando as vertentes *clássica* e *padrão* como pertencentes à essa categoria) e L (L[ow], como sendo a variedade “baixa”, identificando com ela os dialetos regionais).

descendentes árabes um senso de identidade e uma consciência de sua herança cultural comum.

2.2 Verbos

Essa discussão leva ao questionamento de outro fator importante: a razão da escolha de verbos como o corpus do léxico. Tradicionalmente, os gramáticos árabes dividiram a língua em três partes: substantivo, verbo e partículas (que incluem os advérbios, preposições, pronomes, etc.). Ainda nos séculos VII e VIII D.C., duas escolas filológicas, Basra e Kufa – ambas no atual Iraque – surgiram para explicar o funcionamento do árabe e preservar sua estrutura e coesão lexical, uma vez que o contato com as demais nações através da conquista islâmica tinha comprometido a pureza da língua do Alcorão.

A Escola de Kufa, tendo como fundamento o aspecto morfológico da língua, posicionou-se advogando que o verbo era a mola propulsora do léxico árabe (Alamrani-Jamal, 1983). Esse parecer tem sido aceito por muitos orientalistas e arabistas no decorrer da história. Quando as línguas do tronco camito-semítico (da qual o árabe faz parte) são estudadas, percebe-se que uma de suas marcas distintivas é a maneira pela qual os vocábulos são formados. Trata-se do sistema de derivação analógico. Embora, na língua árabe nem todas as palavras possam ser rastreadas a uma raiz verbal, a maioria de seus lexemas deriva-se de um verbo simples (Cowan, 2007) ou, no conceito didático grego, o “trigrama” (tri = três + grama = letra), que designa uma expressão escrita constituída de três letras destinada a representar uma idéia. Essa combinação de grafemas traz em seu bojo uma noção específica. Assim, a composição /k-s-r/ representa a idéia de “quebrar”, enquanto que /d-r-s/ exprime o conceito de “estudar”, e /q-w-l/ o de “falar”, e assim por diante.

Prefixos, sufixos e mudanças internas (tanto por acréscimos como em supressões) inseridos à essa raiz dão origem a novos termos (sejam eles verbos ou substantivos) relacionados a idéia principal. A título de ilustração tome-se, por exemplo, o radical /k-t-b/ que denota a idéia de escrever. Em sua forma mais simples o trigrama KaTaBa significa “ele escreveu”. Por convenção essa estrutura é usada como a forma canônica (não marcada) do verbo, que equivale ao infinitivo nas línguas do tronco indo-europeu.

Convencionou-se, entre os orientalistas, listar as modificações ocorridas no radical do verbo com numerais romanos. Essa mudança dá novo significado aos verbos. /K-T-B/ é usado nas formas I, II, III, IV, VI, VII, VIII e X. Algumas dessas formas conservam o mesmo significado, mas, por exemplo, as formas III /Ka:TaBa/ e VI /taKa:TaBa/ significam “corresponder”, enquanto que as formas IV /‘aKTaBa/ e X /astaKTaBa/ significam “ditar”.

O paradigma para transformar o verbo em substantivo é o seguinte: Ao acrescentar-se um “m” ao trígama /maKTaB/, obtem-se “escritório” ou “escrivania”, ou seja, o local onde se escreve. /KiTa:B/ refere-se a um livro, enquanto que /maKTaBa/ representa a idéia de biblioteca, ou o lugar onde os escritos são armazenados. /Ka:TiB/ é aquele que performa a ação de escrever, ou escritor, escriturário – enquanto que /maKTu:B/ é a obra produzida, ou seja, o “escrito”, “carta”. Uma segunda acepção a essa palavra traz a idéia de destino, aquilo que foi escrito/decretado (por Deus) para alguém. Em sua forma deverbal (árabe *masdar* - o primeiro substantivo derivado da forma verbal), /KiTa:Ba/ refere-se à escrita em si.

A maioria das raízes árabes tem padrões derivacionais semelhantes. Os princípios e regras da língua árabe foram delineados pelos antigos gramáticos árabes que formularam suas hipóteses da gramática árabe baseados essencialmente em noções matemáticas e, firmados em observação, comparação e generalização dos paradigmas, eles desenvolveram o conceito de /*qiyas*/ (molde, paradigma) da derivação. Por analogia, potencialmente quase toda raiz verbal pode originar novas palavras se for seguida a estrutura descrita acima (El-Mouloudi, 1986). Esse processo é conhecido em árabe como /*ichtiqa:q*/, ou seja, derivação analógica (El-Khafafi, 1985; Aryam, 2001; Tarazī, 2005), que é o método usado para a formação lexical em árabe. Toda raiz árabe tem em seu âmago o mesmo potencial para derivação e geração de novos vocábulos. Dessa maneira, poderia-se dizer que a capacidade para expansão de vocabulário é virtualmente ilimitada.

Al-Qahtani (2000) ilustra esse processo com o seguinte exemplo: /maKTaB/ “escritório, ou lugar onde se escreve”; /maQRa’/ “lugar onde se lê”. Nota-se que o vocábulo /maqra’/ não existe oficialmente em árabe, mas, se houvesse a necessidade, a denominação poderia ser cunhada. Esse é o método mais usado pelas academias de língua árabe para a inserção de neologismos ao léxico.

Assim, um dicionário de verbos poderia, potencialmente, cobrir uma ampla extensão do vocabulário árabe, já que, uma vez que o estudante esteja familiarizado com a convenção e os paradigmas árabes, ele poderia deduzir/descobrir o significado de palavras que não fossem verbos, mas que se derivam de um, simplesmente por consultar o radical do vocábulo.

2.3 *Compreensivo*

O levantamento do corpus verbal será essencialmente extra-lexicográfico, baseado primordialmente no trabalho de Hans Wehr (Dictionary of Modern Written Arabic) e, na existência de deficiências, cotejar-se-á outros dicionários e listas de palavras para uma complementação do corpus. Clotilde Murakawa (2008) confirma que na prática lexicográfica

a influência de uma obra lexicográfica sobre outra é um ponto pacífico e acordado. De acordo com ela, “há um *continuum* de informação lexical que é transmitido de obra para obra. O saber lexicográfico passa de uma época para outra, e de uma obra para outra.”

A aclamada recepção entre os orientistas do citado dicionário corrobora essa escolha. Wehr explica palavras e expressões que fazem parte do vocabulário do universo árabe atual, isto é, os lexemas que se remontam desde os primórdios do século XX até os nossos dias, providenciando uma referência prática e acurada dos verbetes por ele selecionados. O critério para inserção de vocábulos no dicionário foi o de frequência em seu corpus de referência: jornais de várias nações árabes, obras literárias de autores contemporâneos, e listas de vocábulos e dicionários em existência durante o período da coleta de dados (1940-44 e 1946-48).

3. Aspectos Técnicos:

Como mencionado acima, procurar-se-á seguir os pressupostos teórico dos antigos gramáticos árabes, particularmente aqueles associados à Escola Filológica de Kufa, que via na raiz verbal a gênese do léxico árabe. Atenção especial será dada a teoria da regência /[°]a:mil/, transitividade /al-’af[°]a:lu al-muta[°]addiya/ e intransitividade verbal /al-’af[°]a:lu al-la:zima/.

Duran & Xatara (2007), no artigo *Critérios para Categorização de Dicionários Bilíngües*, postulam que há alguns critérios essenciais para a categorização de dicionários sejam eles bilíngües ou monolíngües: alvo geral do dicionário, público alvo, extensão, seleção e forma de organização da nomenclatura. Os dicionários bilíngües, entretanto, devem responder a mais três outros critérios: funcionalidade, reciprocidade e direcionalidade. Abaixo, esses conceitos são aplicados ao projeto do *Dicionário de verbos árabe-português* seguindo o paradigma sugerido pelas autoras:

3.1 Alvo Geral:

Dicionário bilíngüe para ser usado como ferramenta paradidática na aquisição e consolidação língüística.

3.2 Delimitação do Público alvo:

a. Estudantes de árabe:

- Aprendizes (básico, intermediário, avançado)
- Faixa etária: adulta

b. Falantes (nativos) do árabe

3.3 Extensão e seleção:

Como pode ser inferido do termo “compreensivo” no título do trabalho, esse dicionário pretende abarcar o maior número possível dos verbos em uso na linguagem contemporânea. O supra mencionado *Dictionary of Modern Written Arabic* proverá a maioria dos lemas, mas reconhece-se que uma complementação vocabular poderá vir de outras fontes. O corpus de Wehr inclui 3304 raízes verbais que, devido à característica da língua árabe, se desdobram em 8327 verbos. Al-Qahtani (2005, p. 55) atesta que estes verbos “são todos os existentes em árabe padrão moderno”. Sabe-se, entretanto, que vários verbos relacionados à tecnologia moderna não foram registrados em seu corpus. Tome-se, por exemplo, o verbo /charraja/, um empréstimo originado do verbo inglês “to charge”, carregar (uma bateria), que agora faz parte do léxico da língua³.

3.4 Forma de organização da nomenclatura:

A entrada de verbetes no corpus seguirá a norma lexicográfica árabe contemporânea, onde os lexemas serão listados de acordo com seus radicais primários (trilíteres ou quadrilíteres), e não como em numerosos dicionários para estrangeiros onde os verbetes são listados de acordo com as declinações de suas formas verbais (I a X). O pesquisador acredita que as metodologias lineares latinas não são apropriadas para representar o sistema trilítere árabe, e que é melhor se ater a um sistema de organização lexicográfica onde os verbetes são organizados com base em seu radical.

Levando em consideração o público alvo do dicionário, a micro-estrutura do verbete deverá facilitar a tarefa do estudante de árabe de perceber as nuances nos significados dos verbos árabes, especialmente quando estes são seguidos por preposição. Cada verbete terá um tratamento tentativamente exaustivo, fornecendo ao consulente diferentes equivalências em português à raiz verbal em questão (parassinônimos). A fim de manter-se fiel ao propósito de registrar os verbetes que fazem parte da linguagem atual, procurar-se-á aboná-los com exemplos reais, retirados do banco de dados da Brigham Young University – “ArabiCorpus”. Esses corpora têm aproximadamente 90.000.000 palavras/ocorrências advindas da literatura moderna, livros escolares, romances e corpus jornalísticos, cobrindo uma vasta área no mundo árabe: Arabia Saudita, Argélia, Egito, Kwait, Líbano, Marrocos, Palestina, Síria e Sudão.

³ . Exemplo fornecido pela Profa. Dra. Safa Jubran – DLO/USP. *Ad tempora*.

3.5 Funcionalidade:

São duas as funções fundamentais de um dicionário bilíngue:

- apoio à codificação
 - ↔ direção língua materna → língua estrangeira
- apoio à decodificação
 - ↔ direção língua estrangeira → língua materna

O dicionário proposto se qualifica como bifuncional, uma vez que atenderá às duas funções simultaneamente: servirá de apoio à codificação para os arabiófonos, e como apoio à decodificação para os lusófonos.

3.6 Reciprocidade:

Esse critério remete à língua materna do público alvo:

- Dicionário bilíngüe recíproco: se destina tanto ao público-alvo falante da língua-fonte quanto ao público-alvo falante da língua-alvo.
- Dicionário não-recíproco: se destina ao público-alvo de apenas uma das línguas contempladas.

O dicionário proposto é considerado recíproco, já que se destina tanto aos falantes da língua-fonte quanto aos da língua alvo. Enquanto um público utiliza as informações para decodificar, o outro as utiliza para codificar.

3.7 Direcionalidade:

O critério de direcionalidade permite duas ocorrências: Considerando A e B como línguas envolvidas, o dicionário bilíngüe monodirecional apresentaria apenas uma direção possível: AB ou BA. O dicionário bilíngüe bidirecional apresentaria ambas as direções: AB e BA.

O dicionário proposto é monodirecional: Árabe – Português

4. Considerações Finais

O interesse que a língua árabe tem despertado no mundo em geral e no Brasil em particular justifica a elaboração de materiais de apoio à sua aprendizagem. Esta pesquisa procurou apresentar aspectos considerados importantes para a produção de uma ferramenta importante para essa aquisição lingüística, o dicionário monodirecional de verbos árabe-português.

REFERÊNCIAS

- AL-QAHTANI, S. **Arabization in written discourse in Saudi Arabia**. 2000. 247 f. Tese de doutoramento, Ball State University, Muncie/ID, 2000.
- AL-QAHTANI, D. **Semantic valence of Arabic verbs**. Beirut, Líbano: Librairie du Liban Publishers. 2005.
- DURAN, M. & XATARA, C. Critérios para categorização de dicionários bilíngues. In.: ALVES, I. M. & ISQUIERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. III**. Campo Grande, MS: Editora UFMS. 2007
- ARYAN, R. **Arabic roots**. 2001. 35 f. Dissertação (Mestrado - Teaching English as a Second Language) – California State University Dominguez Hills, Dominguez Hills -CA, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C. **A ciência da lexicografia**. São Paulo: Alfa. 1984.
- COWAN, D. **Gramática do árabe moderno**. São Paulo: Editora Globo. 2006.
- DUIN, J. Sudden Surge in Interest in near East: Americans Are Enrolling in Courses on Islam, Arabic and International Relations. **Insight on the News**. Vol. 17, N. 46, P. 28. 10 de Dezembro. 2001.
- ELAMRANI-JAMAL, A. **Logique Aristotélicienne et Grammaire arabe (Études et Documents)**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. 1983.
- EL-KHAFIFI, H. M. **The role of the Cairo academy in coining arabic scientific terminology: an historical and linguistic evaluation**. 1985. 215 p. Tese de doutoramento (Middle East Studies) – University of Utah Graduate School. Utah, 1985
- EL-MOULOUDI, A. **Arabic language planning: The case of lexical modernization**. 1986. 321 f. Tese de doutoramento (Linguística) – Graduate School, Georgetown University. Washington - D.C., 1986.
- ESPOSITO, J. **The Oxford history of Islam**. New York: Oxford University Press. 1999.
- FERGUSON, C. Diglossia. In Hymes, D. (ed.) **Language in Culture and society**. New York: Harper and Row Publishers, pp. 429-439. 1964.
- HUDSON, R. A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- LONGYEAR, C. Linguistics. In MICROSOFT CORPORATION, **Microsoft® Encarta® Encyclopedia**. Version 9.0.0.0702. Redmond, WA: Microsoft. 2000.
- MURAKAWA, C. **Dicionário e História: o Dicionário Histórico do Português do Brasil-séculos XVI, XVII e XVIII**. Anais do IV Colóquio: Os estudos lexicais em diferentes perspectivas. São Paulo: USP. 2008.

NYDELL, M. K. **Understanding Arabs: A guide to westerners.** Revised Version. Boston: Intercultural Press. 2002.

MAHMOOD, H. Breaking Barrier of Arabic Language after 9/11 and U.S. Involvement in Afghanistan and Iraq, Suburban Classes in Arabic Are Taking Off. **Daily Herald.** 05 de Agosto. 2004.

TARAZĪ, F. **Al-ichtiqāq.** Beirut: Librairie du Liban Publishers. 2005.

VERSTEEGH, K. **Landmarks in linguistic thought III: The arabic linguistic tradition.** London: Routledge. 1997.